

# Paciente quase perde órgão genital

**CLÁUDIA CARNEIRO**

A peregrinação pela qual passou Geraldo Júnior de Lucena Castro, de 40 anos, desde que foi submetido a uma cirurgia de emergência no Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), há dez dias colocou-o sob a ameaça de morte e de ter os órgãos genitais amputados. A conduta da médica residente Ana Lúcia da Silva Neto, responsável pelo paciente, indignou a família — ela teria relutado veementemente em reinternar Geraldo, atendendo-o com “descaso”, enquanto se desenvolvia um estágio de necrose do pênis, bolsa escrotal e parte superficial da região abdominal.

A médica residente foi afastada do caso pela direção do HRAN, depois do pedido feito pela família de Geraldo Lucena. Acompanhando o irmão doente — internado no quarto andar do HRAN, ainda com processo inflamatório intenso, medicado com antibiótico, sedativo e recebendo transfusão de sangue, Antônio Pádua de Lucena Castro afirma que houve negligência médica. Ana Lúcia não quis dar sua versão do caso, mas o chefe da unidade de cirurgia, Martinho Gonçalves da Costa, responsável pela residente, disse que ela se sente “caluniada e difamada, revoltada com a situação”.

**Hérnia** — Geraldo Lucena foi operado às pressas no último dia 14 às 18h50, com suspeita de uma hérnia encarcerada na região pubiana, que poderia sofrer um “estrangulamento”, ou seja, a falta de circulação da estrutura que se rompeu, seguida de necrose. Embora quase todas as cirurgias de hérnia não sejam consideradas de urgência, o caso de Geraldo era peculiar — afirmou o cirurgião Martinho Gonçalves — uma vez que havia um processo infeccioso suspeito na mesma região.

Como tratamento pós-cirúrgico, o paciente recebeu compressas de gelo, que acabaram causando queimaduras nos órgãos genitais e abaixo das costelas, mas apesar da dor que sentia, na manhã de segunda-feira, recebeu alta da residente que o acompanhava. “Eu implorei a ela, pelo amor de Deus, que não me desse alta, porque sofria com a ardência e vermelhidão”, contou Geraldo, com dificuldade e gemendo de dor. Segundo o irmão, Antonio, a médica alegou que os médicos estavam em greve e iriam reduzir o número de pacientes internados.

Em casa, a família de Geraldo insistiu na reinternação enquanto seu estado clínico se agravava progressivamente. Pelo telefone, a médica orientou-os a manter Geraldo em casa e receitou uma pomada pa-

ra aliviar a dor. Ele recorreu a um dermatologista particular e ao Hospital de Base, que o mandou de volta ao HRAN, devido ao quadro grave que apresentava. “Quando conseguiu sua reinternação, o pênis já estava em processo de necrose, o que foi constatado na quarta-feira (18), depois que a cirurgia foi aberta e descartada a hipótese de hematoma”, contou Antônio Lucena.

“Meu irmão continuou internado e recebendo medicação com morosidade. Seu quadro clínico piorou, chegando a ficar com o pênis totalmente inchado, preto e insensível e a bolsa escrotal expelindo secreção. Resolvi então procurar a direção do HRAN, pedindo o afastamento da médica pelo seu descaso, embora não quisesse prejudicá-la”, relatou Antônio Lucena. Na mesma sexta-feira, o paciente passou por uma “raspagem” da infecção (processo que tira a pele necrosada dos órgãos genitais e do abdômen), mas a vermelhidão já havia subido para a região do tórax.

Geraldo Lucena acredita que pegou a infecção dentro do hospital, mas não se conforma com o que considera omissão dos profissionais em solucionar seu problema. “Por que me aceitaram antes, fizeram a cirurgia, embora estivessem de greve, e depois se livraram de mim?”, indagou ele.